



## HOMOFOBIA NAS ESCOLAS: A EMERGÊNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA NOVAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS

*Allyson de Freitas*

### RESUMO

O presente trabalho foi construído no formato de um relato de experiência e realizado em uma escola na cidade de Machado no Sul de Minas Gerais. Este levantamento teve por finalidade aprofundar o tema homofobia na escola, discutindo os relatos coletados junto aos professores(as), mostrando algumas perspectivas relacionadas à homofobia nas escolas e às opiniões de docentes, quanto a discussão do tema em sala de aula e suas posturas pessoais. Dar visibilidade às discussões no processo ensino e aprendizagem sob a perspectiva de gênero e sexualidade, é uma emergência no contexto escolar, já que essa discussão permite o combate ao aumento da violência contra homossexuais, principalmente nesses ambientes, onde os temas sobre sexualidade são periféricos nos currículos, e muitas vezes intocados nas discussões em salas de aula. Pensar na estruturação de formações continuadas para todos os sujeitos sociais é uma emergência em nossa sociedade. Foi exibido um vídeo contendo assuntos que permeiam a homofobia, em seguida aplicado um questionário semiestruturado contendo uma pergunta relacionada ao vídeo e logo após as respostas foram transcritas e os relatos discutidos sob a luz da literatura. Confusões sobre conceitos de orientação sexual e identidade de gênero, nos faz pensar que os relatos podem reafirmar os preconceitos.

**Palavras-Chave:** Heteronormatividade, homofobia, escola.



## 1 Introdução

É provável que as escolas reforcem ou agravem as manifestações de preconceitos, por não dar visibilidade à homossexualidade e isso tem contribuído para uma infinidade de situações indesejáveis, preconceituosas que decompõem a sexualidade dos sujeitos sociais, chegando a extremos como as humilhações, exclusões e aumentado a violência social.

Para Louro (1997, p.57) a escola ao longo de sua existência, muitas vezes, tem reafirmado distinções, diferenças e desigualdades, ela separou os sujeitos meninos e meninas, protestantes de católicos, os que tem acesso e os que não tem, os adultos das crianças, os pobres dos ricos e além disso também classificou, ordenou e hierarquizou utilizando-se desses mecanismos. Diante disso, vi a necessidade de experienciar mais proximamente esta realidade, pois vivo e vivenciei estas realidades antes como aluno e hoje como professor, daí parte minha problematização que está relacionada à homofobia nas escolas e para isso tenho como mote compreender os relatos dos(as) docentes.

Acredita-se que por meio desta mesma linguagem possamos ser agentes de mudanças principalmente durante o processo de formação dos alunos(as), e também trilhar novas posturas docentes na escola para diminuir as desigualdades e conseqüentemente a violência social, pois as instituições escolares englobam as diversas formas de experienciar a sexualidade. Entre as identidades sexuais presentes na escola evidencia-se a homossexualidade, subjugada, necessitando ser (re)conhecida, ser incluída e discutida de forma efetiva na escola, por meio de informações relacionadas à temática.

Citando Lionço (2009), temos reforçado as catastróficas práticas homofóbicas nos omitindo em meio a xingamentos, exclusões, humilhações, agressões físicas e psicológicas direcionadas aos indivíduos, que, apresentam-se diferentes ao comportamento vigente e normativo. O principal objetivo desse trabalho foi problematizar a homofobia nos relatos, buscar apontamentos que elucidem a necessidade de se capacitar os(as) profissionais para tratar do tema “Diversidade sexual” e, em segundo plano, temas diversos que serão colocados à disposição dos profissionais das escolas para uma reflexão mais aprofundada e para a proposição de novos regimes de tratamento destes assunto em salas de aula.



## 2 A Homofobia nas escolas

Os corpos humanos e os espaços onde se inserem, são lugares para se pensar a formação das múltiplas sexualidades. Por vezes os desejos e anseios podem reafirmar condições que não condizem às manifestações da sexualidade desses sujeitos sociais, diante das interações a que estes são submetidos, e isso determina o que, quando e onde estes corpos podem ou não manifestar-se.

As identidades sexuais são construções dos corpos em constante desenvolvimento, pelas interações que vivenciam durante o tempo de exposição às relações; e no caso da homossexualidade, o corpo manifestando-a em contraponto às formas dominantes, transgredindo a norma e os discursos de formação dos corpos, impõem violências, realidades, condições, posturas nas quais ou o indivíduo se encaixa ou acaba por não se igualar, não se inserindo, não fazendo parte do cenário social.

Preconceito para Rios (2009, p. 54) “são as percepções mentais negativas em relação aos indivíduos e aos grupos que são inferiorizados, e também as representações sociais conectadas a tais percepções”. Quando falamos em preconceito inevitavelmente, pensamos em discriminação, de acordo com este autor a discriminação trata-se de concretizar, as relações sociais, as atitudes arbitrárias, as omissivas é relacionar ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos (RIOS, 2009, p. 54). Para este autor a homofobia seria uma forma, uma vertente de preconceito e de discriminação direcionada aos homossexuais.

De acordo com Borrillo (2009), a homofobia não se limita apenas a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Entende-se por homofobia, como uma das formas de preconceito, uma atitude de colocar o(a) outro(a), no caso, o homossexual na condição de inferioridade, de anormalidade, de doenças sendo norteados pela lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como norma. Neste sentido podemos ressaltar também o termo “heterossexismo” disputando a preferência com o termo “homofobia”, para designar a discriminação experimentada por homossexuais e por todos aqueles(as) que desafiam a heterossexualidade como parâmetro de normalidade em nossas sociedades (BORRILLO, 2009, p. 26)

O comportamento masculino não somente se reafirma com posturas agressivas e de sobreposição às outras identidades sexuais, mas também do repúdio à homossexualidade, o



que impede alguns homens de terem uma relação de amizade mais íntima com outros homens, pois, tornar-se homem nesse contexto social é ser avesso à feminilidade e a passividade.

Quando abordamos a sexualidade estamos antes de tudo falando de relações de poder que se estabeleceram com o passar dos séculos, e que a partir da leitura de Foucault, Louro (2009) afirmou ser exercido pelos sujeitos sociais. O poder está em todos os lugares.

De acordo com Louro (1997, p.37):

“o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas ações. Torna-se central pensar no *exercício do poder*; exercício que se constitui por "manobras", "técnicas", "disposições", as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas”. E importante notar que, na concepção de Foucault, o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir pois caso contrário, o que se verifica, segundo ele, é uma relação de violência”.

Nessa relação podemos perceber que tanto poder como resistência são os opostos de um aparato social. Desvalorizar, subjugar, não reconhecer o homossexual enquanto “ser”, manifestando preconceito, acima de tudo, é uma não reflexão sobre essas relações que afetam tanto o comportamentos dos corpos e suas manifestações, assim como os que manifestam essas posturas.

De acordo com Pereira (2012, p. 3):

“A negação do outro como não constituído de um eu, de um eu que deseja, de um ser que enquanto identidade se dá pela afirmação de uma norma. Norma essa, constituída como o discurso que cria uma normalidade em contraposição a uma anormalidade. O outro que não é pensado representa a diferença que se materializa em não sujeitos”.

Coloca-se então a homossexualidade como não normal, como algo a ser condenado, violentado, destituído, ilegítimo e tido como algo não digno. Estabelece-se assim a heterossexualidade é tida como o sexo natural e normal enquanto as outras identidades sexuais e orientações sexuais são marginalizadas.

Vemos a necessidade de ampliar a reflexão sobre temas importantes tais como a orientação sexual nas escolas, as identidades de gênero e as múltiplas sexualidades como forma de dismantelar essa rede de ódio que se espalha pelo país, muitas das vezes, motivadas por impulsos de ordem doutrinária e religiosa.

### **2.3 Formação Continuada: Uma necessidade no combate à homofobia**



Necessitamos de uma estratégia para um “(re)pensar” a situação docente, uma condição que não se estabeleça de forma a incorporar as propostas governamentais, e tê-las como suficientes. Propõe-se então que sejam melhor exploradas as perspectivas educacionais voltadas para as identidades sexuais, que não somente trabalhe a sexualidade dentro de conteúdos como DST (doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos ou ainda sistemas genitais)

A formação continuada tem sido estudada por muitas pesquisas que além de terem foco em muitas discussões e estas sinalizarem que não são somente ações de reciclagem e uma formação transformadora e experiência profissional, mas sim que devemos adquirir um valor, onde a reflexão formativa e a pesquisa esteja conjunta no contexto de trabalho (ALARCÃO, 1998).

Os problemas atuais da sociedade exigem olhares mais apurados dos profissionais das escolas, e o preconceito é um deles, não devemos julgar que nossa formação está acabada e de acordo com Alarcão (1998, p.24) esta:

“[...] exige ao contrário uma capacidade de leitura atempada e sua interpretação como meio para encontrar a solução estratégica mais adequada para elas. Esse processo pela sua complexidade exige cooperação, olhares multidimensionais e uma atitude de investigação na ação e pela ação”.

Nas pesquisas sobre “desenvolvimento profissional” é que se inserem os estudos sobre formação continuada. Referem-se a estudos sobre os processos de mudanças que o professor(a) desenvolve ao longo de sua carreira, como também a descrição e avaliação da qualidade dos processos formativos desenvolvidos.

Investigar os conhecimentos que os/as professores trazem inclusive suas crenças e aprendizados curriculares faz-se necessário para se propor novas metodologias de intervenção que se relacionem com a educação para a diversidade sexual e de gênero.

Os estudos sobre as temáticas da sexualidade e sua implementação nas escolas, como também a avaliação dos processos pelos quais estes temas poderão ser conduzido poderiam ser mais um passo na mudança de comportamento, na forma de educar os(as) jovens, numa maior responsabilização quanto à sexualidade e igualdade de gênero, à sexualidade, à vida, à própria existência humana e sua interdependência.

Com essas capacitações específicas poderíamos conseguir com que os(as) professores repensem sua a própria situação. Considerando que os seres humanos são integralmente constituídos de sexualidades múltiplas, nada mais justo que, iniciar este processo que, acima Universidade Federal de Lavras-UFLA  
Email: vivaldiclown@yahoo.com.br



de tudo, é uma autoavaliação de como podemos atuar, trabalhar os temas, explorar novos conceitos didáticos, avaliar nossas limitações, buscar melhoramentos, evitar métodos que são ineficazes e abandoná-los.

É importante pensar as formações do(as) professores e da gestão para promover a mudança das escolas, não somente nos currículos mas no que concerne de acordo com Segura (2007, p.57) às:

“estruturas e práticas organizacionais para viabilizar as mudanças das quais se falam em contextos de formação de professores no ambiente escolar. A inovação na formação impulsiona o desenvolvimento organizacional das escolas, da mesma forma que a mudança organizacional promove o desenvolvimento profissional”.

Tentar colocar em prática as ações relacionadas ao tema da diversidade no contexto docente nada mais é que a tentativa de sobrepujar a heteronorma estabelecida priorizando uma prática reflexiva em que, de acordo com Teodoro (1987) as identidades individuais são formadas pelas identidades culturais de um determinado grupo étnico ou sociedade sendo transmitidas pela cultura, ensino e educação. A diversidade deve ser considerada pelo sistema educacional, para evitar a criação de problemas psíquicos nos educandos(as).

Desde muito cedo temos os semelhantes ao nosso convívio um parâmetro para nossa formação e a escola desde muito cedo tem um papel fundamental neste processo de identificação do próprio indivíduo por si só e para isso acreditamos que os profissionais ali envolvidos estejam preparados para como Teodoro (1987, p. 2) afirmou:

“Em função do processo de formação de sua personalidade, o indivíduo tornar-se-á sujeito: compreenderá em que e porque ele é como os demais ou difere do demais membros de sua sociedade. Ele formará seu espírito crítico e reivindicará seus direitos de cidadão, simultaneamente ao reconhecimento do outro”.

Neste sentido a formação continuada dos profissionais se justifica não somente para promover as melhorias na estrutura organizacional, curricular entre outras realidades, e sim como ponto de referência, para todas as identidades sexuais, que habitam esses ambientes desde muito cedo, por exemplo nos anos iniciais quando as crianças começam a ter sensação de pertencimento ou não de determinados parâmetros sociais.

À primeira vista, parece não ser função da escola, promover a educação continuada de seus profissionais, e sim dos sistemas de ensino. Todavia, no momento atual de implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9394/96), em que a escola e, em particular, cada escola deve ter como objetivo a construção de seu



projeto político-pedagógico-curricular e o exercício de sua autonomia, mesmo que relativa, cabe a ela buscar condições para qualificar seus profissionais.

A formação em serviço ganha hoje tamanha relevância que constitui parte das condições de trabalho profissional. Os sistemas de ensino e as escolas precisam assegurar condições institucionais, técnicas e materiais para o desenvolvimento profissional permanente do(a) professor(a) (LIBÂNEO, 2001).

Todos os sujeitos sociais estão envolvidos e são responsáveis por uma educação de qualidade, ativa, inovadora, reflexiva e livre de antigos paradigmas. Afinal, o que está em jogo são mais do que vidas humanas, e sim a integridade mental, física e psicológica de todos(a)s jovens, adolescentes e crianças que dependem, em primeira instância, de uma política adequada às questões relacionadas às sexualidades múltiplas.

### **3 Trajetória Metodológica**

#### **3.1 Delineamento do Relato de Experiência**

No ano de 2015 a Rede Boticário inovou a sua propaganda do dia dos namorados e exibiu na televisão aberta um comercial com cenas homoafetivas,

Passado algumas semanas da exibição, do comercial, ainda na página do youtube (site que hospeda vídeos diversos), circulou na rede a gravação de um novo comercial aparentemente da rede “O Boticário”, onde um senhor idoso indignado, aparece fazendo referência à propaganda anterior. No vídeo em questão este senhor invade a gravação do comercial, descontrolado e começa a proferir frases com o seguinte conteúdo que se segue:

*“vocês não leem a bíblia”, “dois homens juntos Deus abomina”, “seus idiotas”, “propaganda maldita”, “vocês irão sentir a mão pesada de Deus”, “vocês estão prestando um péssimo serviço”.* No dia no dia 05 de agosto, em uma cidade do Sul de Minas, mais especificamente numa escola particular, foi exibido esse vídeo aos/as docentes do ensino médio e fundamental. Após exibição foram distribuídos aos docentes um questionário semiestruturado que está no anexo-A, contendo as seguintes perguntas?

*“O que você pensa sobre as colocações do senhor do vídeo?*

*Em quais situações você o utilizaria em sala de aula?”.*

O questionário foi respondido por 16 docentes homens e mulheres, que estavam presentes na reunião. Durante a atividade foi orientado aos/as docentes que identificassem as folhas com o nome de algum objeto da escola, para serem mantidas em sigilo as identidades e informações



dos(as) participantes. É importante ressaltar que a atividade em função de vários fatores ocorreu em um curto espaço de tempo oportunizado pela direção da escola. E isso pode ter inevitavelmente influenciado na participação com mais afinco na escrita das respostas quando das perguntas feitas no questionário.

### 3.2 Discussão dos relatos

Abaixo seguem os relatos e as discussões sobre as problematizações destes, cabe lembrar que os nomes dos participantes em função de preservar suas identidades, foram substituídos por nomes de objetos que estão no cotidiano das escolas e dos alunos, portanto cada relato terá uma designação como segue no:

**Relado 1-(Celular)** *“Realmente um pouco exagerado, mas em certo ponto ele tem razão, acho que não precisa ser tão demonstrado como foi no comercial. Não utilizaria”.*

Neste primeiro relato percebemos que o(a) respondente concorda com as colocações do senhor do vídeo, ou seja manifestações de homofobia e intolerância religiosa para este(a) aparentemente são naturais.

**Relado 2 -(Diário)** *“Uma atitude grosseira. Utilizaria de maneira que mostrasse o quanto as pessoas se tornam agressivas com o problema alheio. Mesmo sendo a opinião dele. Neste segundo enunciado encontramos em destaque a palavra problema. A homossexualidade é uma questão a ser resolvida, encontrada uma solução enfim uma situação que necessita intervenção. A homossexualidade sendo vista como um problema implica que este deva ser resolvido. Nesse sentido preocupa-nos a postura de alguns profissionais que não somente deixam de fazer as discussões pertinentes aos temas da sexualidade, ou pior o fazem mediante suas intransigências travestidas de crítica.*

**Relado 3-(Mesa)** *“Não o julgo por se comportar de forma agressiva diante do que a publicidade vem mostrando. Para pessoas mais conservadoras é difícil aceitar o que foge à regra”.* Como afirma Natividade (2009, p.5):

“Enquanto certas formas de discriminação *segregam* indivíduos marcados como diferentes e inferiores, a *homofobia cordial aproxima-os* daqueles que exercem posição de superioridade moral, em uma relação de assujeitamento. Esta relação assimétrica pode implicar engajamento emocional dos sujeitos envolvidos, favorecendo a perpetração de formas muito sutis de sujeição e violência”.

Este terceiro relato nos remete à toda discussão feita anteriormente no referencial , onde a norma condiciona o comportamento estabelecendo condutas, normas e posturas. Notamos



que na tentativa de aproximar os sujeitos concebidos como “desviantes”, nesse caso, o/a homossexual, o que acontece é um preconceito subentendido, sutil e que não deixa de demarcar sua desaprovação, como se isso fosse um direito daquele que classifica.

Assim o poder estabelece o comportamento ideal dos sujeitos sociais, impondo realidades, medidas à partir de um padrão heteronormativo. Este poder que afeta homossexuais e heterossexuais impondo padrões, um ideário de ser humano muitas vezes impossível de ser atingido. Falamos agora de uma humanidade, onde a diversidade não existe, pois esses afetos são agora norteados pelo poder e a resistência embora estabeleça este, vai de encontro com essas normatizações.

O poder que quer gerir a vida torna-se inseparável do que esta tem como poder de mudança de si própria, incontrolável e indecifrável. Mas de acordo com Louro (2000, p.27):

“A sexualidade tem sido um marcador particularmente sensível de outras relações de poder. A Igreja e o Estado têm mostrado um contínuo interesse no modo como nos comportamos ou como pensamos. Podemos observar, nos últimos dois séculos, a intervenção da medicina, da psicologia, do trabalho social, das escolas e outras instâncias, todas procurando nos dizer quais as formas apropriadas para regular nossas atividades corporais”.

E assim o sexo torna-se uma forma de controle a partir de um padrão de gênero, e controla a conduta de comportamento sexual que deve ser aceita e também o tipo de contato físico, a expressão verbal e corporal (linguagens), e a que tipos de sensibilidade homens e mulheres devem evitar ou expressar. A homofobia acusa e vigia toda e qualquer manifestação que caminha no sentido feminino e trata-se, portanto, de uma manifestação de “sexismo” (CARRARA, 2009, p. 154).

Em recente pesquisa realizada em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal, forneceu certa compreensão do alcance da homofobia no espaço escolar (nos níveis fundamental e médio). Constatou-se, por exemplo, que: - o percentual de professores/as que declaram não saber como abordar os temas relativos à homossexualidade em sala de aula vai de 30,5% em Belém a 47,9% em Vitória (JUNQUEIRA, 2009).

**Quadro 1- Estatística sobre homofobia nas escolas brasileiras**

<b>Acreditam que a homossexualidade é doença</b>	<b>Belém, Recife e Salvador,</b>	<b>12%</b>
<b>Professores não gostariam</b>	<b>Brasília, Maceió, Porto</b>	<b>14 a 17%</b>



de ter colegas de classe	Alegre, Rio de Janeiro e	
homossexuais.	Goiânia	
	Manaus	20%

Adaptado de Junqueira (2009, p. 17).

Trata-se daquele tipo de intolerância que, “na ausência de qualquer doutrina, nasce dos impulsos mais elementares” e, por isso, é difícil de ser combatida, uma vez que apresenta alta capacidade de sobreviver a qualquer objeção crítica e, assim, de resistir aos fatos que a desmintam (JUNQUEIRA; 2009, p. 28).

**Relato 4- (Lanche)** *“A bíblia não ensina o homem a manter relação com a mulher? (copulação). Não cai uma folha da árvore sem permissão de Deus”.*

Na segunda categoria observamos um condicionamento motivado pela religião com intuito de ajudar a estes sujeitos sociais a se regenerarem, como informa Natividade (2009, p. 5):

“Uma forma particularmente insidiosa de homofobia pastoral poderia ser identificada na perspectiva evangélica de “acolhimento” aos homossexuais, sustentada por certas iniciativas religiosas, que incorpora pessoas LGBT aos cultos, visando ao seu engajamento em um projeto de regeneração moral, pela libertação do homossexualismo. Esta atitude perante a diversidade sexual transcende os efeitos da homofobia cordial, na medida em que não apenas incorpora sujeitos marcados como inferiores, mas pretende eliminar tal “marca” por meio de “exorcismos”, cura ou terapias .

Em acordo com Natividade (2009, p. 5) este tipo de homofobia acontece na forma de auxílio, de inspiração religiosa, na forma de sujeição ao argumento de ajudar o próximo para transformá-los(as). Este grupo a partir de crenças que variam, como traumas familiares, depressão ou outros problemas psicológicos os(as) homossexuais sofram com as experiências passadas e o desejo se manifeste. É claro que esta postura de acolhida nada mais é que uma estratégia para uma política higienista, que não atinge os sujeitos com violência, mas obstrui e antagoniza o exercício da vida que estes consideram indesejáveis.

**Relato 5-(Mochila)** *“Penso que o ponto de vista dele está correto”.*

Importante mostrar nossa indignação diante deste discurso, que, credita ao senhor do vídeo “verdade”, como pode tamanha violência proferida contra os LGBTT’s, ser naturalizada dessa forma?, este relato evidencia a necessidade de formação continuada, afim de desconstruir verdades absolutas. Não somente os Direitos humanos são feridos, mas os direitos sexuais e por que não dizer a dignidade dos homossexuais. Pautado em crenças e indagações de



Levítico 18, a 30 em que aborda a proibição de “deitar-se com um homem como se faz com uma mulher”. Assim o senhor parece-nos preconceitoso e discrimina a homossexualidade, condenando-a e julgando-a, e estando também submetido aos constructos sociais dá a este senhor o direito de fazê-lo em público?

**Relato 6-(Bolsinha)** *“Ele expressou a opinião da maioria, porém se usado esse vídeo também poderia ser visto como um tipo de preconceito”.*

**Relato 7- (Livros)** *“Algumas de suas ideias fazem sentido a forma como se expressa o seu tom de voz tiram sua razão”.*

Mas uma vez podemos destacar a heteronormatividade expressa nos discursos, quando a no enunciado 5 é falado que é a “opinião da maioria”, e no enunciado 7 a fala “suas ideias fazem sentido” reafirmam a hegemonia da heteronorma, esta mesma que gera preconceito, discriminação, violência psicológica, física e até a morte de inúmeros homossexuais, esta também que diminui o gênero e condena identidades sexuais diferente da heterossexual.

Para Maciel Jr. (2013, p. 4) “Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças únicas”. Resistir é o mesmo que criar, a resistência, uma atividade da força.

A homofobia religiosa serve como guia ou como exemplos normativos para as condutas. Para Natividade (2009, p. 8) a rede heterogênea de discursos e práticas é justamente as que extraem sua autoridade de princípios, argumentos teológicos/doutrinários e interpretações conservadoras do texto bíblico. Considerando que a homofobia é aprendida nas escolas, nas famílias e nos ambientes sociais, esses depoimentos podemos perceber que não só se é consentidas as ponderações de preconceito proferidas pelo personagem do vídeo, assim como há nas falas embutidas um extremismo religioso

**Relato 8- (Corretivo)** *“Uma cultura atrasada e defasada. Para uma aula de discriminação”.*

**Relato 9- (Recreio)** *“Preconceituosa, ele ainda não está pronto, devido a idade para aceitar que as pessoas são livres para fazerem suas escolhas. É que Deus ama a todos. Anjo não tem sexo não é?”.*

**Relato 10-(Borracha)** *“Acredito que de fato campanhas publicitárias de fato tem grandes influências na sociedade, no entanto campanhas que visam lutar contra o pré-conceito são*



*bem vindas, portanto discordo do Sr. do vídeo. Acredito que as campanhas que utilizam crianças se passando por adultos são exemplos de campanhas negativas”.*

**Relato 11- (Cadeira)** *“Quando ele se refere ao conteúdo das propagandas de modo geral, concordo com ele. Mas quando se refere aos homossexuais ele é preconceituoso, não houve respeito quando ele critica a gravação das propagandas”.*

Durante toda esta problematização as palavras preconceito e discriminação foram apontadas como formas de manifestação de homofobia. E nos relatos de 8 a 11, em todos os discursos estas puderam ser observadas. A categoria não concorda com as colocações do senhor e é enfática ao aponta-las. Esquemas, categorias, e rótulos diferentes expressam experiências sexuais e afetivas. O ato e a identidade sexual, por um lado, e a comunidade sexual, de outro, é variável e complexa (LOURO, 2000. p. 34).

O que chama atenção é a perspectiva diferenciada e o comportamento de alguns sujeitos com relação à homossexualidade. Se por um lado a heteronormatividade reafirma a postura de alguns, outros simplesmente se contrapõe a este comportamento, encarando as múltiplas sexualidades como naturais.

**Relato 12-(Lápis)** *“São passíveis de análise, há verdades ditas pelo Sr. Porém cada um interpreta de seu jeito. A discriminação a homossexuais é presente e nossa sociedade precisamos do respeito a toda relação de amor. Pois onde há amor Deus está”.*

Neste relato percebemos que acredita ser as palavras do senhor do vídeo “verdades” mas de acordo como comenta Revel(2005, p. 71):

"o que procuro fazer é a história das relações que o pensamento mantém com a verdade; a história do pensamento, uma vez que ela é pensamento sobre a verdade. Todos aqueles que dizem que para mim a verdade não existe são mentes simplistas"?",

**Relato 13- (Data show)** *“O Sr. do vídeo demonstrou, através de suas colocações, fortes convicções religiosas que também devem ser respeitadas. Eu o utilizaria quando estivesse trabalhando o respeito a todas as crenças, religiões e opção sexual”.*

É uma falácia colocar a orientação sexual como sendo opção. O enunciado 13, mostramos mais uma vez a importância da formação, para evitarmos uma reafirmação da norma por meio do desconhecimento e da confusão ao falar de conceitos básicos para a desconstrução da homofobia e muito comuns na discussão de diversidade sexual.

Segundo Carrara (2009, p. 174) orientação sexual diz respeito:



“ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são conhecidas três tipos de orientação sexual: A heterossexualidade (atração física e emocional pelo “sexo oposto”), a homossexualidade (atração física e emocional pelo mesmo sexo) e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo mesmo sexo quanto pelo sexo oposto”.

**Relato 14-(Lousa)** *“Apesar de se intitular o arauto da palavra de Deus, a opinião do senhor do vídeo deve ser respeitada, como qualquer outra. Seria proveitoso a utilização do vídeo em uma aula sobre apropriação indevida de conceitos alheios*

**Relato 15- (Papal)** *“Hoje em dia as campanhas publicitárias estão muito apelativa, estão fazendo com que as pessoas sigam um modelo, comprem um produto. Não estão respeitando o que as pessoas pensam”.*

No relato 15 o(a) sujeito comenta o vídeo e nos leva a pensar que a homossexualidade é algo apelativo, não digno de ser mostrado e refletindo um pouco mais o discurso nos faz pensar que a sexualidade é algo que pode ser influenciado pelos comerciais de televisão quando este(a) fala que as propagandas querem que sigamos um modelo.

Pensar sobre sexualidade nos faz sobretudo, pensar em uma política sobre os corpos em disputas múltiplas e contraditórias interpretações, no entanto esta se dá por interferências não somente das ações sociais, mas sim em diversos aspectos que submetem estes corpos como por exemplo condutas, proibições, normatizações entre uma infinidade de realidades.

“A ética e estética como práticas de si pautadas na existência, condicionam historicamente a subjetividade, e isso leva o sujeito, a ser uma invenção dessas práticas, é sempre histórico e não universal” (Maciel Jr., 2013, p. 5).

**Relato 16- (Giz)** *“O que mostra Relações étnico-raciais”.* Estamos submetidos à “norma” e é possível que em função de não querer envolver-se, expor-se este último relato tenha nortado a resposta para uma abstração diferente com medo de ser identificado, de sofrer algum tipo de constrangimento ou outras questões, é algo que foi-me levado a refletir quanto da não resposta à pergunta. O silenciamento discutido anteriormente.

Podemos pensar nessa evasão do tema confundido com relações étnico-raciais, que houve uma desatenção à atividade também. Vivemos um momento delicado na educação onde há falta de empregos, os direitos não são pagos, os salários baixos tem tornado a educação cada vez mais defasada, pouco se investe em capacitação, em infraestrutura e materiais didáticos.



Muitas vezes as temáticas de gênero e diversidade que deveriam ser discutidas nas reuniões de professores(as) como ações de conscientização e capacitação dos(as) professores, terminam como nesta resposta reticentes, superficiais e desconectadas.

As preocupações entre as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças; a questão da diferença, seja de classe, gênero ou raça. cada uma dessas tem uma longa história, mas nos últimos duzentos anos elas se tornaram preocupações centrais, freqüentemente ao redor de questões sexuais. Elas ilustram o poder da crença de que os debates sobre a sexualidade são debates sobre a natureza da sociedade: tal sexo, tal sociedade. (LOURO, p. 38, 2000).

Finalizando os relatos vejo que esta problematização trouxe-nos grande crescimento dentro do curso e das questões relacionadas principalmente à sexualidade não somente em relação aos conceitos e teoria o que muito nos ajuda a evitar posturas preconceituosas e discriminatórias dentro das salas de aula.

Julgar alguém como homofóbico apenas fazendo a leitura dos discursos que estes emitem, é sem dúvida um erro que cometemos por desconsiderar a processo de construção deste, e portanto, os(as) devemos ter a disposição de nos colocar como agentes de mudança, de reflexão e avaliadores das realidades onde os sujeitos sociais se inserem, diante das construções sociais de cada um no tempo e no espaço.

Uma nova perspectiva poderá favorecer a todos(as) os sujeitos sociais, auxiliando-nos na desconstrução de paradigmas que conduzem a formação dos corpos e sua sexualidade, e com isso mudar o comportamento social no ambiente escolar com relação aos afetos manifestados por estes corpos e suas sexualidades em construção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed, 2001.]



ARTHUR; S. O mundo como imagem e representação. Livro III. Ed. Acrópolis. São Paulo, 2005. p. 354-355.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO;T. DINIZ, D(Orgs.). Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p.15-46.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional . Lei n °. 9394, de 20 de dezembro de 1996, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para Formação de Professores. Brasília, 1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). Homossexualidade e Educação Sexual: construindo respeito à diversidade. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. p. 1-37.

FISHER; R. M. B. Foucault e a análise do discurso na educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, Nov. 2001.

FOUCAULT; M. **História da Sexualidade - A vontade saber**. Direito de Morte e poder sobre a vida. Vol. 1. Cap. 4. p. 147-174, 2011.

FOUCAULT; M. A arqueologia do saber.7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 51-120.

GARCIA, C. M. Pesquisa sobre a formação de professores: O conhecimento sobre aprender a ensinar. Revista Brasileira de Educação. Set/Out./Nov./Dez, nº9, 1998. p. 51 -75.

GARRIDO, E. Pesquisa Universidade-Escola Pública e Desenvolvimento Profissional do Professor, 103fls, 2000. Tese (Livre Docência em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.

JEOLÁS, L. S.; PAULILO, M. A. S. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino médio: continuidades e rupturas. In: FIGUEIRÓ, M. N. D (Org.) Educação Sexual: Em busca de mudanças. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.p. 125 -152.

JESUS, C. C.; SOUZA, E. J; SILVA, J. P. Violência e preconceito: concepções de educadores/as da disciplina de História sobre homossexualidade. In: VI fórum identidades e alteridades e II congresso nacional educação e diversidade, Anais... Itabaiana/SE: UFS, 2013.

JUNIOR; A.M. Artigos temáticos. Resistência e prática de si em Foucault. (2013). Disponível em <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-vi/artigos-tematicos/artigo-tematico-1.pdf>. Acesso em 08/11/2015 às 14:24hs.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 13-52.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 4-24.

Universidade Federal de Lavras-UFLA  
Email: vivaldiclown@yahoo.com.br



LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 57-60.

LOURO; G.L. Heteronormatividade e homofobia. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

LOURO; G.L. **O Corpo educado**. Pedagogia da sexualidade. 2ª ed. Ed. Autêntica, 2000. p. 07-85.

LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

NATIVIDADE; M. As Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Rev. Latino Americana Sexualidad, Salud y Sociedad**. nº 2. p.121-161, 2009.

PEREZ; W. S. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.234-260.

PEREIRA; M. J. Amapô: Identidades, Possibilidades e Resistências. VI Congresso Internacional sobre estudos de diversidades sexual e de gênero da ABEH. 2012. 12pag(s).

REVEL; J. GREGOLIN; M. de. R. Piovesani. N.M.C. Michel Foucault: conceitos essenciais. cap. IV. São Carlos : Claraluz, 2005. p. 67 a 71.

RIOS; R.R. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 53-84.

SEFFNER. F. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 125-140.

SEGURA; D. R.B.F. Clima Organizacional Escolar: Implicações para o desenvolvimento profissional docente. Dissertação de Mestrado –Mestrado em Educação- UNESP (Universidade Estadual Paulista). Araraquara. São Paulo, 2007. p.55-56

TEODORO, M. de L. (1987). Identidade, cultura e educação. In: Cadernos de Pesquisa, n. 63. p.46-50.